



ESTADO DA ARTE DAS “METODOLOGIAS ATIVAS”: levantamento e análise no ensino de Geografia

Jáackson Teixeira Galio¹
j173687@dac.unicamp.br

Elisandra Moreira de Lira²
elisandra.lira@ufac.br

Resumo

As “Metodologias Ativas” no ensino de Geografia, de um modo geral, representam uma abordagem inovadora, na qual o estudante é visto como protagonista no processo de construção do conhecimento. O objetivo deste trabalho foi realizar uma análise crítica do Estado da Arte sobre “Metodologias Ativas” no processo de ensino-aprendizagem no ensino de Geografia. O trabalho caracterizou-se como exploratório-descritivo (Gil, 2017) e também utiliza uma abordagem qualitativa (Lüdke; André, 2020). Para tanto, fez-se necessário: levantamento de publicações sobre a temática através do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), seguido do fichamento dos artigos encontrados, para posterior análise das principais “Metodologias Ativas” que se destacaram. Neste cenário, observou-se que as “Metodologias Ativas” no ensino de Geografia são ferramentas metodológicas eficazes para o processo de ensino-aprendizagem e que as mesmas merecem destaque, tendo em vista o envolvimento direto dos estudantes como participantes e/ou protagonistas do processo de produção do conhecimento. Analisando o viés da Geografia escolar pode-se concluir que o uso de “Metodologias Ativas” no ensino de Geografia demanda maior empenho e cuidado dos professores ao pensar suas práticas didáticas, e que mesmo considerando seus benefícios, muitas vezes pela falta de experiência ou mesmo conhecimento, os resultados nem sempre são positivos. Portanto, foi apontado como relevante para este contexto a formação continuada de professores, vinculando o ensino à pesquisa, assim como a necessidade de esmiuçar os pormenores envolvidos na falta de participação e interesse dos estudantes.

Palavras-chave: Ensino; Formação Docente; Geografia.

Introdução

Lovato *et al.* (2018) definem “Metodologias Ativas” como metodologias nas quais os alunos se encontram no centro do processo de ensino-aprendizagem, isto é, se encontram como protagonistas desse processo, enquanto os docentes assumem um papel de mediação e orientação dessas atividades. Lovato *et al.* (2018) se referiram a um surgimento das “Metodologias Ativas” através da filosofia do pedagogo norte-americano John Dewey, que propôs uma estrutura educacional que priorize a valorização dos seres humanos enquanto indivíduos e na qual, portanto, os estudantes possam utilizar de sua liberdade para exercer a

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp; graduando em Bacharelado em Geografia na Unicamp.

² Pós-doutorado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp; Professora do Magistério Superior da Universidade Federal do Acre - Ufac, Curso de Licenciatura e Bacharelado em Geografia.

busca por conhecimento. Assim, as “Metodologias Ativas” abrem a possibilidade de que o aluno seja mais participativo no processo de aprendizagem, mas também permitem que essa aprendizagem seja mais efetiva, utilizando para isso os conhecimentos prévios dos estudantes junto aos novos conhecimentos adquiridos (Uzun, 2021).

Este estudo originou-se do Trabalho de Conclusão de Curso do primeiro autor, sob orientação da segunda autora, onde foi levantada a importância teórica das “Metodologias Ativas” no ensino de Geografia. Neste cenário, a pesquisa pautou-se em três objetivos específicos: a) seleção de revistas científicas dedicadas à Geografia, à Educação e ao Ensino de Geografia, utilizando para isso o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); b) leitura e análise de estudos que abordassem nosso objeto de estudo, isto é, como as “Metodologias Ativas” de aprendizagem têm sido vistas e tratadas e qual o potencial delas para o no ensino de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental II, com ênfase para publicações dos últimos 5 anos; e c) análise crítica dos estudos avaliados, identificando as principais lacunas (questões que merecem ser estudadas com mais atenção) e trazendo proposições de como preenchê-las.

Assim, o objetivo basilar deste trabalho esteve focado na realização de uma análise crítica do Estado da Arte sobre “Metodologias Ativas”, no processo de ensino-aprendizagem da Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental.

Método e percurso metodológico

A pesquisa possui configuração dialética, onde a realidade é entendida além do fenômeno, levando em conta as ações humanas (Correia, 2024, p. 7940). Diante dos estudos de Correia (2024) sobre as perspectivas de Milton Santos, o materialismo histórico e dialético serviu como lente para as análises, carregando elementos como o espaço enquanto uma instância social, o mundo enquanto desigual e o mundo enquanto composto por mais de uma escala e por perspectiva histórica. Inspirou-se nas correntes de pensamento geográfico modernas, dando preferência para autores da Geografia Crítica, tais como Milton Santos, David Harvey e Yves Lacoste (Santos, 2009; Harvey, 2016; Lacoste, 1988). Tal viés se deve principalmente às teorias que entendem as práticas sociais na superfície terrestre enquanto desiguais e contraditórias (Mormul; Rocha, 2014, p. 208). As críticas foram embasadas em



Freire (2021), possibilitando defender o ensino de Geografia através de um trabalho docente que respeite as subjetividades e complexidades de cada espaço e que permita aos estudantes serem protagonistas de sua formação.

Em relação ao percurso metodológico, este estudo caracteriza-se como exploratório-descritivo. Segundo Gil (2017), pesquisas exploratórias têm o intuito de realizar uma aproximação com um determinado problema, deixando-o mais claro ou construindo hipóteses. Já as pesquisas descritivas buscam descrever as características de um fenômeno e identificar se há relações entre variáveis (Gil, 2017). Este estudo também utiliza abordagem qualitativa, já que foi feito um levantamento e organização das informações obtidas, buscando assim estabelecer através delas relações, tendências e inferências (Lüdke; André, 2020). Sobre o termo “Estado da Arte”, o estudo buscou contribuir com a conjuntura de uma área em específico - as “Metodologias Ativas” no ensino de Geografia - e portanto há convergência com o que é trazido por Romanowski e Ens (2006) a respeito.

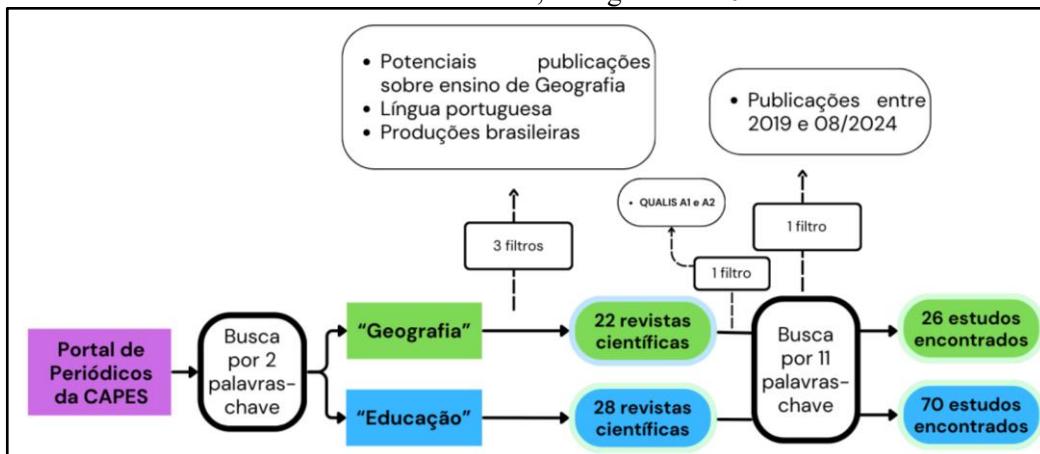
Para viabilizar a busca por revistas científicas, optou-se pelo Portal de Periódicos da CAPES, facilitando uma busca padronizada. A Figura 1 exibe um fluxograma de todo esse processo de seleção de revistas científicas e estudos³. Nos Quadros 1 e 2 é possível visualizar as revistas encontradas, as respectivas classificações QUALIS A1 e A2⁴ e o número de estudos encontrados em cada caso.

Os estudos encontrados a serem lidos foram escolhidos de acordo com a proximidade entre o título e o resumo desses estudos com os objetivos deste trabalho. Em seguida realizou-se a leitura e fichamento dos principais pontos enfatizados em cada um deles. Os conhecimentos obtidos no Estado da Arte sobre as “Metodologias Ativas” foram analisados de forma crítica, ressaltando as lacunas encontradas na literatura analisada, isto é, quais pontos que de acordo com a análise demandam mais estudos ou quais dúvidas restam em aberto mesmo após as leituras. Neste sentido, procurou-se utilizar as referências bibliográficas para trazer proposições que pudessem preencher essas lacunas no cenário do ensino de Geografia no Ensino Fundamental II.

³ As 11 palavras-chave referidas no fluxograma da Figura 1 são: “Metodologias Ativas”; “Metodologia Ativa”; “Geografia”; “Ensino de Geografia”; “Rotação por estações”; “Sala de Aula Invertida”; “Resolução de Problemas”; “Jogo”; “Game”; “Mapa Mental”; e “Mapa Conceitual”.

⁴ Utilizou-se especificamente o QUALIS A1 e A2 do Quadriênio 2017-2020.

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção de revistas científicas e estudos do Portal de Periódicos da CAPES, em agosto de 2024.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Quadro 1 - Revistas científicas (QUALIS A1 e A2) encontradas buscando por “Geografia” no Portal de Periódicos da CAPES, e as respectivas quantidades de estudos encontrados (publicações entre 2019 e agosto de 2024).

Revista	QUALIS	Nº de estudos
Caminhos de Geografia	A1	4
Revista Brasileira de Educação em Geografia	A2	16
Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)	A2	0
GEOGRAFIA (Londrina)	A2	3
Terra Livre	A2	1
Boletim Paulista de Geografia	A1	2
Espaço Aberto: revista do Programa de Pós-graduação em Geografia	A1	0
TOTAL	-	26

Fonte: Elaboração própria, 2024.



Quadro 2 - Revistas científicas (QUALIS A1 e A2) encontradas buscando por “Educação” no Portal de Periódicos da CAPES, e as respectivas quantidades de estudos encontrados (publicações entre 2019 e agosto de 2024).

Revista	QUALIS	Nº de estudos
Educação: Teoria e Prática	A2	9
Educação (UFSM)	A2	13
Educação em Perspectiva	A2	0
Debates em Educação	A2	15
Educação e Pesquisa	A1	5
Ciência & Educação (Bauru)	A1	2
Pro-Posições	A1	0
Revista Inter-Ação (UFG)	A2	5
Cadernos de Pesquisa	A1	0
Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia	A2	21
TOTAL	-	70

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Resultados e discussão

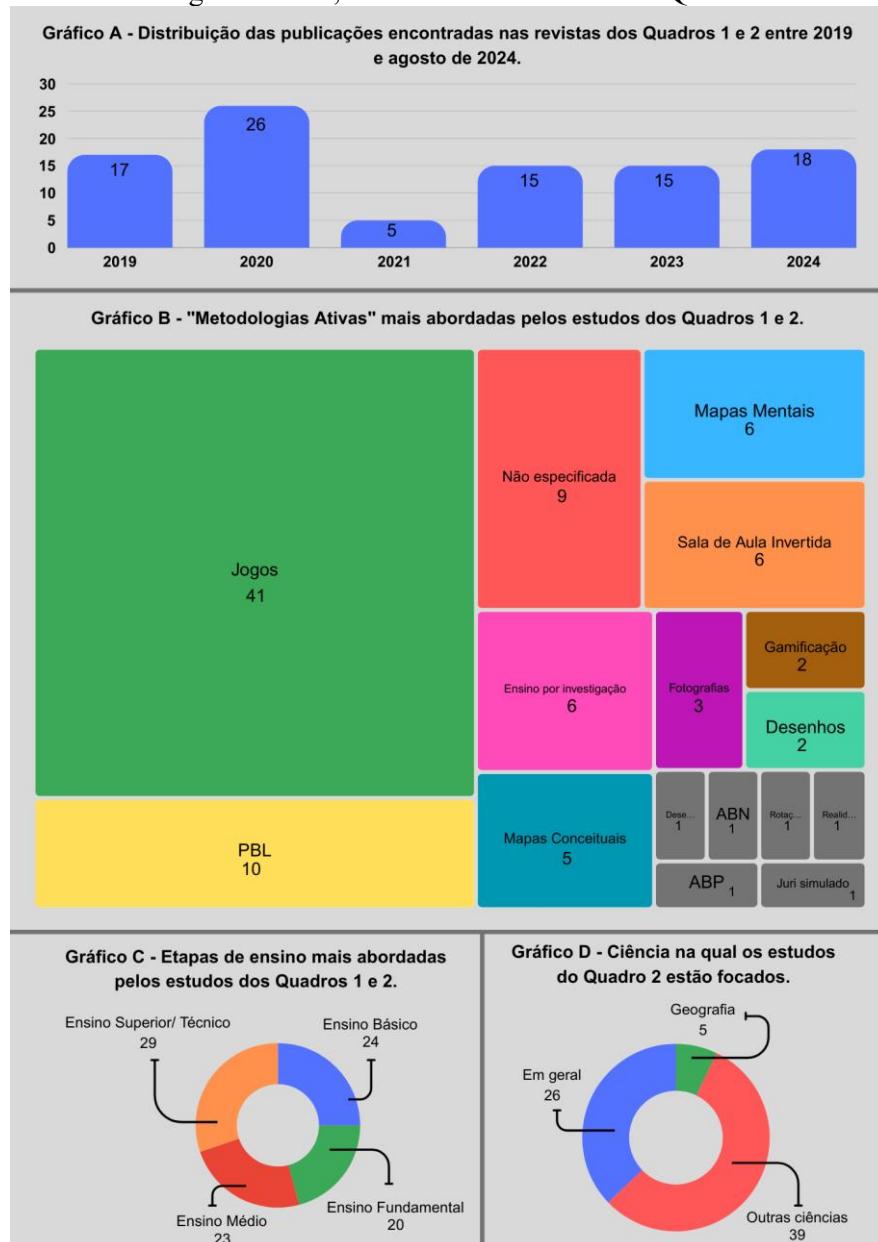
Ao todo foram obtidos 96 estudos que parecem se encaixar nos objetivos específicos deste trabalho, e o levantamento de suas características é visível nos gráficos da Figura 2. Ao analisar a distribuição das publicações ao longo do período de 2019 a agosto de 2024 (Figura 2 - Gráfico A), não foi possível identificar nenhum padrão claro, como um aumento ou diminuição das publicações envolvendo “Metodologias Ativas” no ensino de Geografia e outras ciências. Observando qual a “Metodologia Ativa” que teve o foco em cada estudo (Figura 2 - Gráfico B), ficou evidente uma forte tendência de publicações que trouxeram o uso de jogos (41 publicações), seguidas pelas publicações que não necessariamente focam num recurso didático, identificadas como “Não especificada” (9). Destacam-se também as publicações envolvendo Aprendizagem Baseada em Problemas - PBL (10), Mapas Mentais (6), Sala de Aula Invertida (6) e Ensino por Investigação (6).

No que diz respeito à etapa de ensino (Figura 2 - Gráfico C)⁵, os estudos se mostraram menos concentrados entre as 4 classificações. Olhando apenas para as revistas científicas encontradas na busca por “Educação” no Portal de Periódicos da CAPES (Figura 2 - Gráfico D), nota-se que apenas 5 estudos foram direcionados para o ensino de Geografia. Isso porém não indica uma perda da disciplina em relação aos materiais disponíveis sobre o uso de “Metodologias Ativas” no ensino, já que 26 estudos tratam sobre o tema de maneira geral, isto é, sem especificar para qual disciplina seria esse foco.

⁵ A classificação “Ensino Básico” refere-se às publicações que trataram desta etapa do ensino sem especificar por exemplo Ensino Médio ou Fundamental.



Figura 2 - Gráficos A, B, C e D, com as características gerais dos estudos encontrados sobre “Metodologias Ativas”, nas revistas científicas dos Quadros 1 e 2.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Dos 96 resultados exibidos nos Quadros 1 e 2, foi feita a leitura com maior empenho em 25 deles que apresentaram maior potencial para com o recorte e os objetivos deste trabalho. É importante ressaltar que apesar dos textos selecionados apresentarem coerência com os objetivos deste trabalho, não necessariamente todos apresentaram discussões especificamente sobre “Metodologias Ativas” em seu desenvolvimento. Alguns deles debatem diretamente

sobre esse conceito, como é o caso de Mesquita e Santos (2020) que apontam os Mapas Mentais explicitamente como “Metodologias Ativas”. Em outros casos, partiu-se do conceito de “Metodologias Ativas” que foi definido no início deste trabalho, para então identificar certas práticas pedagógicas como “Metodologias Ativas”, mesmo que os autores citados não o façam diretamente. É o caso de Guimarães (2024) e também Andrade e Machado (2021), que não mencionaram as “Metodologias Ativas”, mas utilizaram de jogos para posicionar os alunos no centro do processo de aprendizagem.

Assim, diante desses resultados, apontam-se adiante questões que merecem ser estudadas com mais atenção (lacunas), quais conclusões podem ser tiradas e quais caminhos devem ser tomados no que compete às “Metodologias Ativas” no Ensino Fundamental II.

Primeiramente, aponta-se como lacuna que apesar das amplas defesas às “Metodologias Ativas” feitas ao longo deste trabalho, essas de fato não são soluções universais que podem ser encaixadas em qualquer processo de ensino-aprendizagem. Pelo contrário, elas demandam análises cuidadosas de cada caso. Avanço e Lima (2020) defenderam que é necessário ter o cuidado de não basear a educação somente em jogos, e debatem até onde a ludicidade é aceitável. Cabe ao professor analisar em seu trabalho quais situações cabem ou não esse elemento lúdico, para garantir que a educação formal cumpra seu papel de forma mais envolvente, mas continue sendo coerente pedagogicamente. Avanço e Lima (2020) também pontuaram que é importante que o processo de ensino aprendizagem seja intencional, e não se referindo somente ao trabalho planejado do professor, mas também à consciência dos estudantes em relação aos conteúdos que estão sendo trabalhados.

Sobre a gamificação enquanto “Metodologia Ativa”, Moraes e Nakamoto (2024) advertiram que o período da adolescência pode ser delicado, e questões emocionais como inseguranças e dúvidas sobre si mesmos podem ser acentuadas pela gamificação. A gamificação pode ser audaciosa - e inadequada - em situações como uma turma que já possui conflitos entre os estudantes, ou numa escola que já possui a tendência de utilizar subterfúgios para expor e comparar os estudantes.

Portanto, considerando a infinidade de situações e contextos possíveis, acredita-se que um bom recurso para essa primeira lacuna é a especialização e formação continuada dos professores. Já que é necessário identificar quando e onde cabe cada “Metodologia Ativa”, é



importante estudar e pesquisar os potenciais e fragilidades de cada uma delas, observando por exemplo quais tendências existem, quais combinações de metodologias apresentam bons resultados ou com quais faixas etárias tomar cuidados específicos.

A segunda lacuna identificada foi que muito foi lido sobre a importância das “Metodologias Ativas”, porém nem tanto foi lido sobre o que de fato as impede de receber os holofotes no cotidiano escolar. Santos e Moura (2021) constatam que as “Metodologias Ativas” geram uma sobrecarga de trabalho aos professores, facilmente configurando um desafio e não uma solução. Santos e Moura (2021) discorrem no sentido de que ambientes escolares são complexos e compostos por diversos atores, sejam eles internos (como os estudantes, professores, funcionários, gestão escolar) ou externos (como políticas públicas ou convenções sociais). Lembra-se também da Teoria Histórico-Crítica, de Dermeval Saviani, na qual as escolas - enquanto de educação formal - não podem ser pensadas de forma desassociada das sociedades que as produzem, pois, as escolas estão inseridas nas sociedades e são na verdade frutos delas (Amaral, 2013). Logo, viabilizar as “Metodologias Ativas” no Ensino Fundamental brasileiro significa ir contra um ensino individualista que promova competição e comparação entre estudantes, o que vai bem além de simplesmente mudanças metodológicas dos docentes em sala de aula.

Dessa forma, para preencher a segunda lacuna, de como tornar as “Metodologias Ativas” acessíveis e viáveis, é preciso pensar além da escala “sala de aula”, o que claramente significa pensar também além dos deveres docentes. Tais metodologias trazem especificidades no planejamento das aulas e também resultados mais subjetivos, o que demanda uma compreensão e colaboração da gestão escolar em favor disso. Aliás, se tomou conhecimento ao longo deste estudo que pode simplesmente não caber às “Metodologias Ativas” que elas se tornem viáveis, e sim que ações sociais e políticas mais amplas possibilitem isso.

A terceira lacuna observada é que nos textos lidos para este estudo é relatado sobre o potencial das “Metodologias Ativas” em gerar nos alunos maior interesse e engajamento nos processos da educação formal, tirando os estudantes de uma posição passiva, porém pouco foi lido sobre a possibilidade de que esse desinteresse e falta de atividade sejam realmente devidos. Não se faz aqui uma contradição. O estudante como protagonista no seu próprio ensino-aprendizagem é sim algo essencial e frutífero. Mas é deixada uma ponta solta em relação ao que fazer com a falta de interesse dos estudantes diante dessa demanda. Aliás, é preciso fazer

algo com essa falta de interesse? Ela é inaceitável? Ora, se as “Metodologias Ativas” em aulas de Geografia oferecem a opção de maior participação dos estudantes, seria interessante saber primeiro qual o motivo dessa falta de participação, pois pensando na grande complexidade de condicionantes internos e externos dos ambientes escolares, propostas como uma Aprendizagem Baseada em Problemas podem mascarar problemas, mas não resolvê-los.

Pensando assim, é interessante primeiramente que essa questão seja analisada para além de simplesmente “preguiça” ou “puro desinteresse”. Em segundo lugar, é interessante que futuras experiências em salas do Ensino Fundamental II tenham a participação e indiferença dos estudantes como um alvo dos objetivos, e não como condicionante ou empecilho para outro objetivo.

Além dessas três lacunas destacadas, com este estudo observou-se que o papel das “Metodologias Ativas” na Geografia do Ensino Fundamental II não está tão fortemente atrelada ao uso de tecnologias digitais ou Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs. Apesar da forte presença de elementos como *smartphones* e das redes sociais na sociedade atual, outros recursos são devidamente reconhecidos como meios para deixar o estudante em protagonismo na educação formal. Como exemplo, além dos jogos, foi visto nos estudos um grande potencial de recursos que podem ser usados inclusive juntos, como Mapas Mentais, Mapas Conceituais e Aprendizagem Baseada em Problemas.

Observou-se que tais metodologias não condizem com um ensino massificado focado em resultado, e isso na realidade brasileira pode soar como algo que ataca a preparação de jovens para o ingresso em universidades através de vestibulares e provas como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) - provas com grandes quantidades de conteúdos a serem estudados e que exigem muito preparo. Por tanto é essencial também um diálogo constante com a sociedade em geral, e sobretudo com os pais e responsáveis dos estudantes, que indiretamente influenciam nas direções que podem ou não ser tomadas pela gestão escolar.



Considerações finais

Levando em consideração os resultados encontrados nesta pesquisa, e os apontamentos feitos ao longo deste trabalho, ficou claro que as “Metodologias Ativas” são ferramentas de grande importância para o processo de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental II, na disciplina de Geografia e também em tantas outras.

Com os estudos encontrados e com as análises feitas, evidenciou-se que para colocar os estudantes em posição de protagonismo é necessário da parte do docente despender maiores esforços e planejamento. Mas, também são necessários diversos outros elementos que atuem em prol disso, como por exemplo o trabalho coerente entre docentes e gestão escolar.

Os estudos levantados no Estado da Arte demonstraram que há uma tendência em utilizar jogos como “Metodologia Ativa”, o que não tira a forte participação de outras ferramentas como por exemplo Mapas Mentais e Aprendizagem Baseada em Problemas. Todavia, percebeu-se que esses recursos devem ser estudados cuidadosamente para avaliar quando devem de fato ser usados, e para quais turmas e estudantes eles são adequados.

Por fim, percebeu-se que apesar da devida valorização das “Metodologias Ativas”, também há alguns pontos em relação a essas que precisam receber mais atenção. É o caso da necessidade de vincular o ensino à pesquisa científica através da formação continuada de professores. E é o caso da falta de empolgação dos estudantes em participar das aulas propostas, algo que precisa ser esmiuçado e não simplesmente resolvido.

Referências bibliográficas

AMARAL, M. F. do. **Ensino de filosofia e pedagogia das competências: análise da proposta curricular do estado de São Paulo a partir da pedagogia histórico-crítica**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

ANDRADE, A. K. N. de; MACHADO, M. R. I. de M. JOGOS DIDÁTICOS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO: uma possibilidade para o desenvolvimento de competências e habilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 11, n. 21, p. 05–18, 2021. DOI: 10.46789/edugeo.v11i21.891. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/891>. Acesso em: 20 set. 2024.

AVANÇO, L. Dias; LIMA, J. M. de. Diversidade de discursos sobre jogo e educação: delineamento de um quadro contemporâneo de tendências. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. V. 46, 2020. P. 1-17.

CORREIA, J. L. F. dos S. O método dialético e a geografia: uma contribuição desde Milton Santos. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 7935–7949, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.1-478. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/4797>. Acesso em: 29 de jun. de 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, ed.1^a, 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas Ltda., 6^a ed., 2017.

GUIMARÃES, B. C. Paisagens Virtuais: uma análise de como o Brasil é apresentado através dos jogos da franquia Street Fighter e possibilidades de uso na sala de aula. **GEOGRAFIA (Londrina)**, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 249–267, 2024. DOI: 10.5433/2447-1747.2024v33n2p249. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/49543>. Acesso em: 20 set. 2024.

HARVEY, D. Prólogo - A Crise Atual do Capitalismo. In: HARVEY, D. **17 contradições e o fim do capitalismo**. Editora Boitempo, 2016.

HARVEY, D. Contradição 11 - Desenvolvimentos geográficos desiguais e produção de espaço. In: HARVEY, D. **17 contradições e o fim do capitalismo**. Editora Boitempo, 2016.

LOVATO, F. L.; MICHELOTTI, A.; SILVA, C. B. da; LORETO, E. L. da S. Metodologias Ativas de Aprendizagem: uma Breve Revisão. **Acta Scientiae**. Canoas, v. 20 n. 2 p. 154 - 171 mar./ abr. 2018.

LACOSTE, Y. **A Geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Apresentação de José William Vesentini. [S.l.: s.n.]. 1988. Disponível em: <[https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20GRADUACAO/PENSAMENTO%20GEOGR%C1FICO%202017/3-Geografia\(YvesLacoste\).pdf](https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20GRADUACAO/PENSAMENTO%20GEOGR%C1FICO%202017/3-Geografia(YvesLacoste).pdf)>. Acesso em: 02 de jun. de 2024.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2^a ed., 2020.

MESQUITA, G. M; SANTOS, E. T. dos. CONSTRUÇÃO DE MAPAS MENTAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA:: representações do espaço vivido no contexto indígena. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 402–423, 2020. DOI: 10.46789/edugeo.v10i19.657. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/657>. Acesso em: 4 set. 2024.



MORAES, T. N.; NAKAMOTO, P. T. Educação em Jogo: Os possíveis aspectos negativos do uso da gamificação nos processos de ensino na educação profissional e tecnológica. **Educação**, [S. l.], v. 49, n. 1, p. e20/1–23, 2024. DOI: 10.5902/1984644470598. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/70598>. Acesso em: 11 set. 2024.

MORMUL, N. M.; ROCHA, M. M. Breves considerações acerca do Pensamento Geográfico:elementos para análise. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 64–78, 2014. DOI: 10.5902/223649947916. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7916>. Acesso em: 5 jun. 2024.

ROMANOWSKI, J. P; ENS, R. T. AS PESQUISAS DENOMINADAS DO TIPO “ESTADO DA ARTE” EM EDUCAÇÃO. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

SANTOS, M. **Pobreza Urbana**. São Paulo: Edusp, 3^a ed. 2009.

SANTOS, R. S. D; MOURA, J. D. P. AS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM OLHAR PARA A PRODUÇÃO CIENTÍFICA E A PRÁTICA DOCENTE. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 22, n. 82, p. 70–88, 2021. DOI: 10.14393/RCG228255765. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/55765>. Acesso em: 9 set. 2024.

UZUN, M. L. C. As principais contribuições das Teorias da Aprendizagem para à aplicação das Metodologias Ativas. **Revista Thema**. v. 19, n. 1, 2021, p. 153-163.